



2º Congresso histórico
de Guimarães

Actas do congresso
volume 5

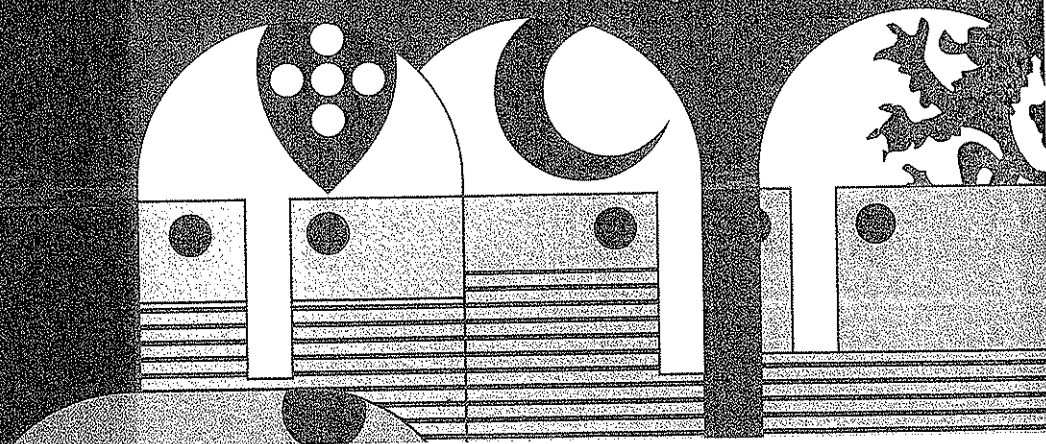
Sociedade,
administração,
cultura e
igreja em Portugal
no séc. XII



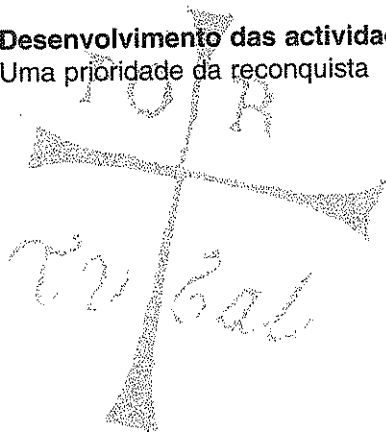
**2º Congresso histórico
de Guimarães**

**Actas do congresso
volume 5**

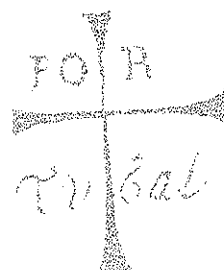
**Sociedade,
administração,
cultura e
igreja em Portugal
no séc. XII**



Desenvolvimento das actividades comerciais e artesanais.
Uma prioridade da reconquista



Isabel Botelho Cardoso



Desenvolvimento das actividades comerciais e artesanais

Uma prioridade da reconquista

A conquista do território implica uma reorganização do espaço que, de uma forma mais ou menos lenta, vai sendo incorporado na expansão vinda do norte. É necessário promover o povoamento de modo a solidificar a posse das terras recém conquistadas e proceder a uma orientação das várias actividades de modo a fixar a população.

À medida que o espaço vai crescendo e as zonas de fronteira se vão convertendo em locais de desenvolvimento populacional, administrativo, económico e social, as necessidades vão evoluindo, os mercados vão alargando o âmbito das suas relações e a circulação comercial vai proporcionando o bem estar. Assim, mercados e tendas tornam-se indispensáveis neste processo de reorganização do espaço.

O avanço da fronteira para sul traz o alargamento da rede viária, a descoberta das rotas muçulmanas onde transitam produtos cobiçados e dá a conhecer as povoações portuárias.

O aumento da segurança no mar que proporciona o progressivo afastamento dos muçulmanos e a conquista dos portos atlânticos vai deslocando as rotas comerciais do interior para o litoral e o comércio vai preferindo outros centros comerciais.

A conquista de novos espaços a sul, que beneficiaram da presença muçulmana, torna-se enriquecedora e lucrativa. Estes centros contam já com uma organização que se pretende manter de modo a manter também as actividades em funcionamento e contínuas as ligações entre mercados. Pretende-se ainda que não se verifique uma quebra acentuada na afluência dos produtos de luxo que devem continuar a ser vendidos e incluídos nas linhas de comércio que se dirigem ao norte.

Beneficiária com o crescimento do espaço mercantil é a monarquia que incrementa uma das áreas mais necessitadas do apoio central. Por outro lado recebe dividendos provenientes de uma tributação que recai sobre as actividades e sobre os produtos de troca que acrescentam aos cofres centrais quantias monetárias que se podem tornar importantes. O desenvolvimento do comércio e o estabelecimento de taxas e direitos alfandegários constitui-se, ainda, num dos meios de estruturar e *delimitar o espaço nacional*¹.

É evidente o contraste que se estabelece entre o norte e o sul. Nas cidades de manifesta influência muçulmana, verifica-se a presença de produtos de oficinas mais cuidadas, uma maior abundância de produtos à disposição do comprador e uma organização mais equilibrada das actividades. Estas contrastavam com a maioria dos rudes núcleos urbanos do norte, que vivem sobretudo de produtos agrícolas, da criação de gado e de um artesanato rústico. Deste modo, a fronteira torna-se numa irresistível tentação sobretudo para os mais exigentes.

¹ RUCQUOI, Adeline - *Historia Medieval da Península Ibérica*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995, p. 287.

No processo da reconquista, o saque constitui-se como actividade fundamental e amplamente realizada; provam-no as frequentes referências às azárias e às cavalgadas. A guerra constituía também uma importante actividade económica, uma "*operação comercial*"².

Frequentemente a população fronteiriça fazia correrias nas terras adversárias, esperando assim obter mercadorias valiosas que lhes proporcionassem riqueza. Apoderavam-se de homens que eram reduzidos à condição de escravos, sendo a sua venda uma constante nos mercados de fronteira, de animais, o cavalo era o preferido dos participantes numa guerra contínua, de dinheiro e de todo o tipo de bens possíveis de serem transportados. Os produtos do saque seriam, provavelmente, vendidos nos mercados locais, depois de entregue a quinta parte devida ao monarca.

Mesmo as povoações mais distantes da fronteira se dedicam ao saque. É o caso de Mós que actua tanto nas terras leonesas que se situam nas proximidades como nas muçulmanas que já se encontram distantes. Refere a carta de foral (1162) que dos roubos em terra de mouros ou de cristãos entreguem a quinta parte ao palácio.

Os produtos de saque provavelmente não se ficam pelo consumo local. As exigências de povoações com menos capacidade de lhe acederem devem contribuir para o seu trânsito e para a sua comercialização, constituindo-se, desta forma, num comércio altamente rentável a quem o pratica.

Benéfico a uns, coloca alguns entraves às oficinas de artesãos que veem os seus produtos serem relegados a um plano secundário.

Para uma população em conflito, a transacção de bens de qualidade é fundamental para satisfazer gentes de gostos mais requintados, mas é o abastecimento de produtos de primeira necessidade e de produtos indispensáveis em época de guerra a primeira prioridade. Difícil é proporcionar o bem estar aos habitantes de locais que constantemente vivem o temor dos conflitos.

Assim, as mercadorias vendidas nos mercados fronteiriços destinam-se sobretudo ao uso primário (azeite, sal, peixe, carnes, pão, vinho, alho e cebolas) que por este motivo apresentam os valores mais baixos das listas de tributação, e ao suporte da guerra (cavalos, éguas e mulas).

O importante é alimentar, vestir e calçar a população, produzir alfaias domésticas, construir edifícios de modo a reorganizar a vida urbana e dar apoio às constantes investidas. Importante também, é dar continuidade ao trabalho das oficinas artesanais e se possível incentivá-lo. Assim os produtos artesanais e as matérias primas ocupam também lugar de destaque entre as transacções verificadas.

² IRADIEL, Paulino - *Historia Medieval de la España Cristiana*, Madrid, Cátedra, 1989, p. 176.

O bom abastecimento implica a existência de comerciantes em número suficiente para bem prover a povoação. Almocreves e comerciantes, sós ou acompanhados de cavalos, mulas e asnos encarregam-se da distribuição dos diferentes produtos utilizando uma rede viária onde predominam as vias romanas. Quando existem cursos fluviais navegáveis o transporte é realizado através de barcas que poupam tempo nas deslocações e proporcionam mais segurança.

Poucos seriam os interessados em se dedicar a uma actividade tão arriscada e tão dispendiosa. Só os que não tinham raízes locais fortes, os que preferiam uma vida errante e por isso se sentiam atraídos por esta função ou os que possuíam meios económicos para suportar alguns investimentos.

Os tributos a pagar pelas portagens, o alojamento, a compra de um animal de carga, as dificuldades de viajar a pé e os perigos de assaltos teriam de ser compensados pelo lucro. Os produtos transportados teriam que cobrir os gastos. Por todos estes motivos os produtos atingiam preços elevados, constituindo um comércio mais lucrativo o que se destina aos grupos privilegiados.

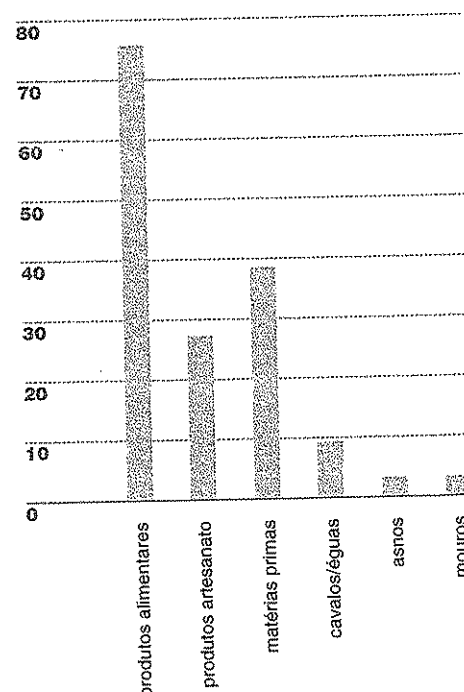
Mas como são estes homens a garantia do não isolamento das povoações e do seu desenvolvimento económico, promovem-se incentivos no sentido de criar um grupo de comerciantes locais e de atrair os de fora. Concedem-se isenções de portagem em terras do rei³, possibilita-se aos mercadores locais a opção entre pagamento de portagem ou a prestação de soldada⁴ e privilegiam-se os moradores que se quiserem fazer as trocas com isenções do pagamento de portagem na primeira e na segunda viagem⁵.

Em cargas, trouxas ou unidades, os produtos são transportados para mercados, açougues e tendas onde se colocam à disposição do comprador.

A instituição de locais e de postos de venda é essencial para a sobrevivência regional e a sua protecção fundamental para o seu desenvolvimento. A penalização imposta para quem ferir outro no mercado, pretende garantir a paz quando o contacto entre pessoas é grande e confere, ao mercado, um carácter de centro económico de evidência. Colocado, nesta penalização, como um espaço lado a lado do *concilium* e da igreja, este assume um poder institucional e um lugar de topo nas vivências dos seus frequentadores.

As referências às tendas remetem para um comércio e um artesanato desenvolvidos. Pretendendo incrementar o papel das tendas na economia local e garantir a continuidade da produção, o monarca concede a isenção do pagamento de foro sobre a sua exploração. Colocá-las paralelamente a moinhos e fornos nos critérios de isenção, permite avaliar a importância que teriam na sobrevivência local.

Produtos tributados nos forais
número de menções/ gráfico 1



³ Forais de Leiria (1142) e de Sintra (1154).

⁴ Forais de Lisboa e de Santarém (1179).

⁵ Foral de Seia (1136).

De notar a íntima relação que existe entre comércio e artesanato. O artesão é o comerciante, o tendeiro é o artesão e também o comerciante. O almotacé regula as actividades dos comerciantes e dos artesãos no sentido de evitar fraudes. As duas actividades separam-se quando as longas distâncias do comércio exigem uma dedicação total.

Nas zonas fronteiriças a actividade artesanal suporta a guerra. Os ferreiros surgem com relevo pela variedade de produtos que fabrica, necessários tanto na guerra como nas actividades diárias. A sua presença é prioritária em áreas de assalto. Releva-os Osberno quando descreve Lisboa observando que aqui "*não faltam ferreiros*"⁶, a única referência que faz aos artesãos. Os pedreiros, carpinteiros e construtores de telhas detêm um lugar importante pela necessidade da construção e de reparação de muros de protecção e de novas construções destinadas a novos moradores.

Tecedores, tintureiros, alfaiates, sapateiros, piliteiros, oleiros, entre outros, asseguram as necessidades do quotidiano.

Entre as matérias-primas tributadas, os couros ocupam os lugares de destaque nos mercados da fronteira sul. De utilização vária, presente em artigos diversos de acordo com a sua qualidade e resistência. Peles e couros comercializavam-se preparadas pelos peliteiros, destinadas a outros artífices, e outras por preparar.

Os couros vermelhos e brancos ocupam os mais elevados índices de tributação, ao lado de outros produtos tão caros como a pimenta a grã e o anil. A sua presença apenas nas tributações de Lisboa e de Santarém remetem, para a sua chegada do exterior e para as rotas do sul que teriam aqui um lugar determinante.

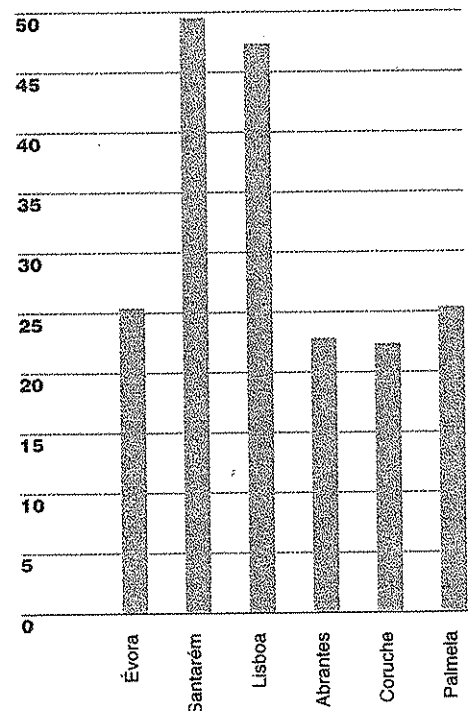
Os couros de vaca, boi, zebro, cervo e de gamo proporcionam uma acção conjunta da criação de gado, da caça e do artesanato.

Os panos de côr, o fustão, os panos de linho e de lã, o bragal, e os tecidos transacionados sobre a designação genérica de panos, tributados segundo a sua qualidade, reforçam a existência de uma indústria de vestuário que produz artigos de preços diversos, e por isso destinada aos vários estratos sociais.

O anil e a grã, provavelmente de importação de terras muçulmanas, acrescentam uma nova actividade que vem dar côr à tecelagem e à confecção. As peles enriquecem o vestuário ornando-o de forma a destacar os bens de prestígio. Os elevados tributos a que estes produtos se encontram sujeitos e as referências ao seu transporte em cargas ou trouxas deixa transparecer a sua importação e as exigências estéticas e de qualidade de uma população mais requintada.

A lã e o linho em bruto, que remetem para a presença de tecedores, são comercializados ao lado de outros tecidos já prontos e do vestuário já confeccionado.

Mercados da fronteira sul com maior capacidade de comercialização/ gráfico 2



⁶ Conquista de Lisboa aos mouros em 1147: Carta de um cruzado inglês que participou nos acontecimentos, Lisboa, Livros Horizonte, 1989, p. 34.

A presença de um número elevado de produtos relacionados com as indústria têxtil e das peles, releva a sua importância nas indústrias artesanais, na economia e na própria sociedade, onde o maior cuidado na elaboração se impõe como meio de distinção social.

Lugar importante detêm também os vasos e concas de madeira em Lisboa e Santarém, o que mais deixa transparecer a importância da carpintaria na realização de produtos de utilização diária.

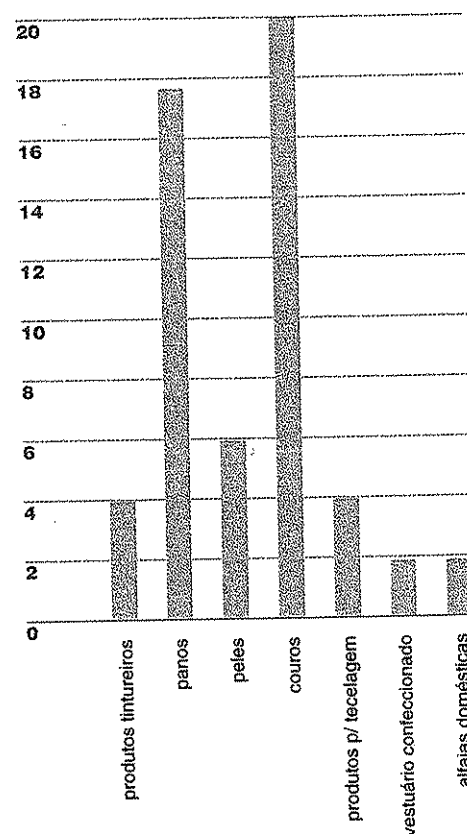
Padeiros, carniceros, pescadores e caçadores e outros ligados às actividades abastecedoras criam as resistências necessárias a um quotidiano intenso e de insegurança.

A continuidade das actividades e o progressivo estabelecimento da população encarregar-se-à de movimentar as tarefas do quotidiano.

O evoluir da reconquista e das actividades em território cristão encarrega-se de incrementar a produção local e de a vocacionar segundo as necessidades e de acordo com as capacidades locais. Pouco a pouco os mercados alargam o seu âmbito de acção, aumentam a sua participação externa e incrementam a sua rentabilidade interna.

Produtos do artesanato número de menções/ gráfico 3

Produtos do artesanato mencionados nas cartas de foral; número de menções.



produtos	Evora 1166	Santarem 1179	Lisboa 1179	Abrantes 1179	Coruche 1182	Palmela 1185
panos		1 morabitino	1 morabitino			
carga e peles de coelho de mouro	1 morabitino	1 morabitino	1 morabitino	1 morabitino	1 morabitino	1 morabitino
couro vermelho ou branco		1 morabitino	1 morabitino			
anil		1 morabitino	1 morabitino			
grã		1 morabitino	1 morabitino			
pimenta		1 morabitino	1 morabitino			
égua/mula/mulo que venderem	1 morabitino ¹ 1/2	1 morabitino ³ 1/2				
homens de fora da vila	morabitino ²	morabitino ⁴				
carga de azeite	5 soldos	1/2 morabitino	1/2 morabitino	5 soldos	5 soldos	5 soldos
carga de cera	5 soldos	1/2 morabitino	1/2 morabitino	5 soldos	5 soldos	5 soldos
mouro	1 soldo	1/2 morabitino	1/2 morabitino	1 soldo	1 soldo	1 soldo
couro de vaca/ boi/zebro	2 dinheiros	1/2 morabitino	1/2 morabitino	2 dinheiros	2 dinheiros	2 dinheiros
couro de cervo	3 mealhas	1/2 morabitino	1/2 morabitino	3 mealhas	3 mealhas	3 mealhas
fustão	5 soldos			5 soldos	5 soldos	5 soldos
panos de cor	5 soldos			5 soldos	5 soldos	5 soldos
carga de coelhos de cristãos	5 soldos			5 soldos	5 soldos	5 soldos
égua		2 soldos	2 soldos			
boi	6 dinheiros	2 soldos	2 soldos			6 dinheiros
cavalo	1 soldo			1 soldo	1 soldo	1 soldo
asno	6 dinheiros	1 soldo	1 soldo	6 dinheiros	6 dinheiros	6 dinheiros
vaca		1 soldo/ 1 dinheiro	1 soldo/ 1 dinheiro			

Produtos transaccionados e sua tributação quadro 1

- ¹ Valor total da mercadoria superior a 10 morabitinos.
² Valor total da mercadoria inferior a 10 morabitinos.
³ Valor total da mercadoria superior a 10 morabitinos.
⁴ Valor total da mercadoria inferior a 10 morabitinos.

produtos	Évora	Santarém	Lisboa	Abrantes	Coruche	Palmela
	1166	1179	1179	1179	1182	1185
carga de peixe	1 soldo	1 dinheiro ⁵ / _{1/10} ⁶	6 dinheiros ⁷ / ₁ dinheiro ⁸ 1/10 ⁹	1 soldo	1 soldo	1 soldo
mulo	1 soldo			1 soldo	1 soldo	1 soldo
trouxa de cavalo de panos de lã	1 soldo			1 soldo	1 soldo	1 soldo
trouxa de lã	1 soldo					1 soldo
asno	6 dinheiros			6 dinheiros	6 dinheiros	6 dinheiros
carga de sal		3 dinheiros	3 dinheiros			
carga de pão	3 mealhas	3 dinheiros	3 dinheiros	3 mealhas	3 mealhas	3 mealhas
vestido de pele		3 dinheiros	3 dinheiros			
porco	2 dinheiros	2 dinheiros 1/1 dinheiro	2 dinheiros 1/1 dinheiro	2 dinheiros	2 dinheiros	2 dinheiros
furão	2 dinheiros			2 dinheiros	2 dinheiros	2 dinheiros
carneiro	3 mealhas	2 dinheiros 1/1 dinheiro	2 dinheiros 1/1 dinheiro	3 mealhas	3 mealhas	3 mealhas
bragal		2 dinheiros	2 dinheiros			
carga de peão	1 dinheiro			1 dinheiro	1 dinheiro	1 dinheiro
cervo		1 dinheiro	1 dinheiro			
zebro		1 dinheiro	1 dinheiro			
cabra		1 dinheiro	1 dinheiro			
carga de vinho	3 mealhas			3 mealhas	3 mealhas	3 mealhas
carga de pão ou sal em asno		3 mealhas	3 mealhas			
couro de gamo	3 mealhas			3 mealhas	3 mealhas	3 mealhas
linho/alhos/cebolas		1/10	1/10			
concas/vasos de madeira		1/10	1/10			

Produtos transaccionados e sua tributação
quadro 1 (continuação)

⁵ Besta ou barca de peixe.

⁶ Peixe de fora.

⁷ Carga de peixe levada para fora por mercador de fora.

⁸ Besta ou barca de peixe.

⁹ Peixe de fora.